

Um jornalista com o *smartphone*. A narrativa sobre o confinamento pela Covid-19 em uma aldeia portuguesa.¹

Washington José de Souza Filho²

Resumo

A pandemia provocada pelo novo coronavírus Sars-Cov 2, denominado Covid-19, impôs mudanças nas rotinas dos jornalistas e das empresas, responsáveis pela produção e a divulgação de notícias em todo o mundo. A finalidade do artigo é analisar a estrutura da narrativa jornalística, a partir de uma reportagem realizada, com um *smartphone* como ferramenta, para uma emissora de televisão por um jornalista, confinado em uma aldeia de Portugal, na região da Beira Interior. A análise está baseada em uma pesquisa exploratória, com a associação da análise de conteúdo e a entrevista em profundidade.

Palavras-chave

Jornalismo móvel;narrativas com *smartphone*;jornalismo sobre Covid-19;

Introdução – um desafio profilático

A aldeia de Monsanto, no concelho de Idanha-a-Nova, Distrito de Castelo Branco, é um símbolo de Portugal. A aldeia que tem o reconhecimento como histórica foi premiada com um Galo de Prata, em 1938³. O registro do prêmio concedido pelo Governo português está instalado na Torre de Lucano, um dos pontos de visitação dos turistas de várias partes do mundo. A uma distância de Lisboa em torno de 280 quilômetros, Monsanto enfrenta, à semelhança de muitas localidades portuguesas, o impacto da redução de habitantes⁴, uma consequência do envelhecimento da população sem uma contrapartida representada pelo número de nascimentos, com prejuízo para a densidade demográfica.

¹ Trabalho apresentado no GP de Telejornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pesquisador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line (GJOL), Brasil, wasfilho@ufba.br.

³ <https://ncultura.pt/monsanto-a-historia-da-aldeia-mais-portuguesa-de-portugal/> último acesso em 26 de maio de 2020.

⁴ idanhanova.pt/media/311671/Delimita%C3%A7%C3%A3o%20da%20ARU%20de%20Monsanto_Vfinal.pdf último acesso em 28 de maio de 2020.

A pandemia do novo coronavírus Sar-Cov 2 - *severe acute respiratory syndrome coronavirus 2* (síndrome respiratória aguda grave de coronavírus 2, em português) - , denominado Covid-19 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), órgão da Organização das Nações Unidas (ONU)⁵, ampliou o sentido do isolamento vivido pelos moradores da aldeia, em consequência das medidas de prevenção adotadas pelas autoridades portuguesas para o combate à doença. O confinamento, maior pela ausência dos turistas e a impossibilidade da presença dos parentes dos moradores, ampliou em Monsanto a busca da proteção permitida pela condição geográfica, entre as rochas em que a aldeia foi erguida a partir do século 12.

Monsanto foi o retiro, além dos seus habitantes, do jornalista João Pedro Mendonça⁶ , Editor de Desporto da Rádio e Televisão de Portugal (RTP), emissora pública portuguesa, em regime de teletrabalho, para evitar a contaminação por ser portador de diabetes, uma condição que o colocava entre os grupos mais suscetíveis à doença. O jornalista, com um telemóvel - a designação portuguesa para celular, utilizada no Brasil, ou *smartphone* -, transformou o seu isolamento profilático, a definição que adotou, em um desafio para descrever ao mundo a vida em confinamento em uma aldeia portuguesa.

O dispositivo móvel, além de um pequeno conjunto de acessórios, serviu como ferramenta para fazer a reportagem, intitulada *Os dias do confinamento*, exibida na edição do Telejornal da RTP, no dia 6 de maio de 2020, em uma seção do programa dedicada à cobertura da Covid-19⁷. A reportagem, com 19m12seg, foi complementada por uma entrada ao vivo do jornalista, direto de Monsanto, por meio do celular. A partir de uma intervenção do apresentador João Adelino Faria, depois do encerramento, João Pedro descreveu o trabalho de produção e a realização, com a duração de 6m35seg. Um tempo total de 25m35seg, em que o *smartphone* foi o recurso para a participação do jornalista, da reportagem à entrada ao vivo.

⁵ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus> último acesso em 28 de maio de 2020.

⁶ João Pedro Mendonça, 52 anos, é jornalista desde 1986, uma carreira iniciada na Rádio Clube de Monsanto. Está na RTP desde 1995, inicialmente, como colaborador, ao mesmo tempo em que trabalhava na Rádio Renascença, onde começou a partir de 1989. Em 1997 passa a trabalhar, com exclusividade, para RTP, depois de aprovado em primeiro lugar, em um concurso público com mais de cinco mil candidatos. Durante um ano, de 2003 a 2004, trabalhou como Coordenador da Delegação Regional da RTP, em Castelo Branco, selecionado em um novo concurso público. Na volta para Lisboa assumiu a função de Editor de Desporto, o que permitiu a participação em inúmeras coberturas internacionais e nacionais de competições esportivas, de várias modalidades, atuando em diversas funções, entre narração, reportagem e coordenação. João Pedro Mendonça é o mais antigo editor da área de Informação em atividade da RTP. As informações estão relacionadas no curriculum vitae do jornalista, enviadas por e-mail.

⁷ O *Telejornal* é um programa de informação da RTP, apresentado a partir das 20h, de segunda a domingo. A reportagem está disponível em <https://www.rtp.pt/play/p6954/e470981/especial-covid-19> último acesso em 2 de outubro de 2020.

A realização da reportagem com o *smartphone* como ferramenta para o registro de imagens e áudio reflete a importância do dispositivo para realizar práticas e procedimentos do jornalismo, inclusive a produção de vídeos, com base no desenvolvimento da tecnologia (SALAVERRÍA, 2019). Em Portugal, as referências têm relação com mais aspectos como a linguagem, modelos de negócios, narrativas e gêneros (CANAVILHAS;RODRIGUES;GIACOMELLI, 2019; CANAVILHAS;RODRIGUES, 2017; CANAVILHAS;SATUF, 2015; CANAVILHAS, 2013).

A utilização do dispositivo para produzir notícia tem um pouco mais de dez anos, a partir de 2007, com o lançamento pela Apple do modelo *Iphone* (SALAVERRÍA, 2019; VIEIRA, 2018; CANAVILHAS, 2013). O modelo impulsionou o consumo de notícia, uma consequência do salto tecnológico que o aparelho representou para o jornalismo móvel, ao servir como uma alternativa para o computador.

O desenvolvimento tecnológico, com o surgimento de alternativas para funções, entre outras, de comunicação e a transmissão de dados, transformou o celular em uma ferramenta indispensável para as atividades realizadas pelos jornalistas, dentro e fora das redações (VIEIRA, 2018). O dispositivo promoveu uma inegável interferência nas rotinas das redações e dos jornalistas, em particular em relação às emissoras de televisão.

“[...] o fato dos smartphones serem dispositivos pequenos e portáteis, o que permite que os jornalistas façam imagens com agilidade, principalmente em momentos em que não estão — ou não podem estar — com equipamentos profissionais de televisão [...]. O material feito pelo repórter pode resultar numa reportagem mais intimista, em que o jornalista se coloca no meio da notícia, mostra suas impressões, emoções e experiências, modelo muito usado para mostrar proximidade com o telespectador.” (VIEIRA, 2018, p.3)

A reportagem realizada em um contexto diferente do cotidiano está relacionada com uma medida sanitária. Um reflexo da mudança, estabelecida pela reconfiguração das práticas do jornalismo e dos jornalistas (ITO,2020; CHAGAS, 2019; ROCHA, 2017; SILVA, 2014). A produção e a realização da reportagem, por meio da atuação de um jornalista, com um celular como ferramenta, incluem a referência às questões decorrentes das transformações promovidas pela tecnologia, na forma de atuar dos profissionais e dos processos realizados pelas organizações jornalísticas para elaborar e divulgar a informação. São questões vinculadas ao debate sobre a polivalência (SOUZA FILHO,

2015; MICÓ, 2011) e da convergência no jornalismo, relacionada com a dimensão profissional (SALAVERRÍA, 2014).

A avaliação da reportagem do jornalista João Pedro Mendonça é a finalidade deste artigo, baseada em uma pesquisa exploratória (SEVERINO, 2007; CERVO *et al*, 2006)), por meio de técnicas como a análise de conteúdo (HERSCOVITZ, 2007; FONSECA, 2005; CASETTI; DI CHIO, 1999) e a entrevista em profundidade (DUARTE, 2005; CASETTI ; DI CHIO, 1999). A avaliação está relacionada com os aspectos da realização, em torno da sua estrutura narrativa, em busca da análise sobre a apropriação (ALVES ; SILVA, 2018; DOURADO; TEIXEIRA, 2017; MATOS, 2019) dos recursos do dispositivo, relacionados com práticas das redes sociais, condicionada pela cultura profissional do jornalista.

Discussão teórica – o *smartphone* como ferramenta do jornalismo

A avaliação remete à atuação individual do jornalista, no que está definido como videoreportagem (SILVA, 2010; ; NACHBIN, 2005). A reportagem tem como referência uma prática já adotada pela televisão, baseada na atuação de apenas um profissional. A prática está definida como videojornalismo (BOCK, 2002), na qual um jornalista tem as atribuições de uma equipe, com o acréscimo da responsabilidade, em boa parte, sobre a edição (SILVA, 2010; THOMAZ, 2006; NACHBIN, 2005; BANDRÉS *et al*, 2002; BOCK, 2002).

“**Vídeo Journalism** [grifo do autor] is the practice of vídeo news production whereby on person shoots, writes, and edits News stories, using digital technologies, to be disseminated via broadcasting or broadband internet.”⁸ (BOCK, 2002, p.3)

A videoreportagem é definida como o formato que está relacionado à atuação do jornalista da maneira individual, inclusive com a responsabilidade sobre a edição, que pode ser uma possibilidade ou não. A videoreportagem é considerada (SILVA, 2010, pp 52-53) como diferente de videojornalismo, que representaria uma prática do jornalismo televisivo que define o produto, entendido pela forma de realização, pela participação, em geral, de apenas um jornalista. “À materialidade do videojornalismo em um produto audiovisual chamaremos videoreportagem” (SILVA, 2010, p.53).

⁸ Tradução do autor: “Vídeo Jornalismo é a prática da produção de notícias em vídeo, que é realizada por apenas um profissional, o qual filma, escreve e edita, por meio de tecnologias digitais, a serem veiculadas por meio de radiodifusão ou internet banda larga”.

O profissional que é capaz de realizar todas as tarefas de uma equipe é “chamado de banda de um homem só” (BOCK, 2002, p.2). Ele tem ganhado importância no contexto atual do jornalismo, a partir do crescimento da importância do celular, com a mudança da forma atuação dos profissionais, captação das notícias e a formação (QUINN, 2014). A alteração dos procedimentos estabelece uma “reconfiguração na cadeia de produção, distribuição e consumo de notícias” (SILVA, 2013, p. 92).

No Brasil, existem duas referências históricas para o videojornalismo (SILVA, 2010). A primeira é o estadunidense John Alpert, profissional premiado pela realização de documentários independentes, para emissoras dos Estados Unidos, a partir de 1972. Uma segunda referência é a emissora do Canadá, City TV, que utilizava videorreportagem nos telejornais, no início dos anos 1970.

Em um período de mais de 30 anos, a partir de 1987, há o registro de experiências de videojornalismo desenvolvidas em emissoras de televisão brasileiras. A marca temporal é o jornalista denominado repórter-abelha, na TV Gazeta (NACHBIN, 2005), emissora do Estado de São Paulo.

“(...) na virada da década de 1980 para 1990, muitas televisões no Brasil já haviam trocado as câmeras acopladas a VCRs por camcorders – câmeras que permitem a inserção da fita em seu próprio corpo. Assim, um profissional desapareceu do mercado telejornalístico: o operador de VT. As camcorders trouxeram um enorme ganho de qualidade e mobilidade às chamadas ENGs (*Electronic News Gathering*), ou equipes de externa. No entanto, também não eram adequadas ao modelo videojornalístico. Pesavam em torno de 10 quilos, sem contar os acessórios indispensáveis – bateria, fita, tripé, luz e microfone. Nós, os “abelhas”, já existíamos – mas ainda precisávamos de consideráveis avanços tecnológicos para chegarmos à “vida adulta”. (NACHBIN, 2005, p.118).

Uma experiência mais recente no Brasil, foi desenvolvida pelo canal especializado na cobertura e transmissão de assuntos esportivos, SportTV, em 2010. Jovens jornalistas foram selecionados para o projeto Passaporte TV (SILVA, 2010, p.70), uma alternativa para realizar a cobertura fora do Brasil de acontecimentos esportivos. Os selecionados, depois de um período de treinamento sobre a captação de imagens e áudio, além de edição, foram designados correspondentes da emissora em países estrangeiros, onde produziam e editavam as reportagens enviadas para a TV. A CNN Brasil, uma franquia da emissora dos Estados Unidos, um canal especializado em notícias. em operação no

Brasil desde março de 2020 (VICTOR, 2020), adotou o videojornalismo para a produção de reportagens e entradas ao vivo, com o celular como ferramenta.

Em diversas partes do mundo, programas de treinamento são dirigidos aos jornalistas, para permitir a atuação deles, sem a companhia de uma equipe, e com o *smartphone* como dispositivo para o registro das imagens e do áudio (PODGER, 2018; MACCISE; MARRAI, 2005). Os jornalistas, quando atuam de maneira individual, precisam demonstrar os mesmos cuidados com as questões técnicas (NACHBIN, 2005; BANDRÉS et al, 2002; BARBEIRO;LIMA, 2002; BOCK, 2002), relacionadas com a linguagem aplicada ao jornalismo realizada pela televisão, transposta para produtos digitais (BOCK, 2016).

O trabalho individual do jornalista permite a busca de novos formatos no jornalismo televisivo (SIQUEIRA; SILVA, 2018). A experiência da atuação de profissionais com videojornalismo, em emissoras de televisão e agências de notícias especializadas em produção audiovisual, tem registro desde os anos 1990 (BANDRÉS et al, 2002, pp. 33-33) em países da Europa e nos Estados Unidos. A atividade, de maneira individual, serve como uma alternativa para os profissionais mais jovens (; BOCK, 2002).

As repercussões, porém, são muitas, como a consideração de que o trabalho do videojornalista impõe o acúmulo de tarefas (SILVA, 2014; SILVA, 2010; ; BANDRÉS et al, 2020). Um estudo sobre a atuação de videojornalistas em emissoras de televisão da Suíça (DICKINSON; BIGI, 2011) relata a existência de reflexos no trabalho dos profissionais, diante das condições que cumprem as atribuições, Os aspectos relacionados evidenciam as questões sobre a polivalência dos jornalistas (SOUZA FILHO, 2015; MICÓ, 2011), ainda não superadas, a partir das alterações geradas pela digitalização dos processos do jornalismo.

A produção de reportagens para as televisões com o *smartphone* é uma tendência de organizações jornalísticas de todo o mundo, no contexto do ambiente digital (PODGER, 2018; FREDERICKS,2016; MACCISE; MARRAI, 2015; SILVA, 2014). A RTP incluiu, em 2009, o celular como dispositivo, para o envio de fotos e vídeos, na cobertura das eleições parlamentares de Portugal. Um projeto em associação com a emissora de rádio Antena 1. Dezoito jornalistas foram espalhados pelo país, cada um deles tinha um *smartphone* (PASTOR, 2010).

O celular tem sido uma opção das emissoras de televisão para coberturas nacionais ou internacionais, quando a ocorrência impõe mais agilidade e o benefício dos recursos do

dispositivo (PODGER, 2018; VIEIRA, 2018; MACCISE;MARRAI, 2015; SILVA, 2014), inclusive, de entradas ao vivo. Em 2011, durante um dos episódios relacionados com as manifestações ocorridas em países árabes, uma equipe da TV Globo, emissora brasileira, usou o dispositivo para gravar as imagens. O repórter-cinematográfico, impossibilitado de trabalhar com a câmera de televisão, fez o registro, durante uma manifestação em Cairo, capital do Egito, com um *smartphone*, depois incluído em uma reportagem, exibida pelo Jornal Nacional . (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 274).

As mudanças relacionadas à reconfiguração têm sido destacadas para compreender as alterações referentes ao *smartphone* para a produção e o consumo de notícias (CHAGAS, 2019; ROCHA, 2017; SILVA, 2014). A reconfiguração é definida pela utilização dos recursos do celular, o que estabelece alterações nas formas de captação das notícias pelos jornalistas. O dispositivo permite o registro de imagens e áudio, além de permitir a transmissão por meio das redes de banda larga. A concepção é de um novo paradigma, em curso “em uma sociedade complexa, globalizada e digital, marcada pela convergência de mídia e de notícias” (ROCHA, 2017, p.60).

O celular permitiu, inicialmente com o *tablet*, a definição do jornalismo móvel como uma área de atuação no ambiente digital, ao lado de sistemas de comunicação que estão baseados em aplicativos (SALAVERRÍA, 2019, p.10). O jornalismo móvel está identificado pela sigla Mojo, uma abreviatura da expressão em inglês *Mobile Journalism*, empregada a partir de 2005, nos Estados Unidos (SILVA, 2015, p.10).

A influência das plataformas, para a divulgação por meio das redes sociais (BELL ; OWEN, 2017) aumentou a importância do vídeo online, produzido com o celular , inclusive pelo público (SÁ, 2015). A importância do formato para realizar produtos jornalísticos em vídeo, sem a distinção da plataforma para a divulgação, aparece no *Projeto Elevate*, desenvolvido pela CNN, nos Estados Unidos (Hornhardt, 2015). A finalidade do projeto é “melhorar o engajamento em vídeo na internet a partir de padrões inferidos com as métricas” (HORNHARDT, 2015, p.1).

A análise da reportagem é uma oportunidade para compreender o trabalho do jornalista João Pedro Mendonça, realizada com um *smartphone* como ferramenta para a gravação de imagens e áudio, inclusive as entrevistas.

Metodologia – os aspectos da análise

1.A proposta metodológica

A pesquisa é de natureza exploratória (SEVERINO, 2007; CERVO *et al*, 2006), um método que permite, pela natureza do objeto, ampliar os estudos. A investigação exploratória é considerada “o passo inicial no processo de pesquisa pela experiência e um auxílio que traz a formulação de hipóteses significativas para pesquisas posteriores” (CERVO *et al*, 2006, p. 63).

A realização da pesquisa está baseada em duas técnicas. A análise de conteúdo e a entrevista em profundidade. A análise de conteúdo (HERSCOVITZ, 2007; CASETTI; DI CHIO, 1999) contribui para desenvolver a avaliação, por ser um instrumento aplicado para estudos relacionados com a televisão, que permite “inventariar” o objeto (CASETTI ;DI CHIO, 1999, p.25). A entrevista em profundidade (DUARTE, 2005; CASETTI; DI CHIO, 1999) complementa a análise de conteúdo. A entrevista em profundidade, realizada por videoconferência⁹, é do tipo semiaberta (DUARTE, 2005, PP. 66; CASETTI ; DI CHIO, 1999, p. 130).

A base da entrevista foi uma lista de questões, relacionadas com a formação e as atividades profissionais do jornalista João Pedro Mendonça, a competência e habilidade para realizar a reportagem, os recursos, além das práticas e os procedimentos.

[...] A lista de questões-chaves pode ser adaptada e alterada no decorrer das entrevistas. Uma questão pode ser dividida em duas e outras duas podem ser reunidas em uma só, por exemplo. [...] é natural o pesquisador começar com um roteiro e terminar com outro, um pouco diferente.” (DUARTE, 2005, p. 66).

2.1. A reportagem - produção e a realização.

A ideia de produzir a reportagem representou para o jornalista João Pedro Mendonça um desafio. “É o trabalho de equipa mais isolado que fiz na vida”. As razões para o jornalista têm uma justificativa: “Chama-se necessidade”, a maneira que ele define o contexto da presença em Monsanto, a razão essencial para o trabalho.

A aldeia de Monsanto é a origem da família do jornalista, o primeiro a ter nascido em uma localidade diferente, Lisboa. O regime de teletrabalho permitiu a opção de estar na aldeia, porque representava para ele maior segurança. A prática dele para realizar as atividades de Editor de Desporto da RTP configuram a forma de polivalência praticada na redação da emissora, do tipo profissional, que pode ser da forma técnica ou tecnológica (SOUZA FILHO, 2015).

⁹ A entrevista foi realizada através da plataforma *Zoom*, por meio de uma videoconferência, no dia 22 de maio de 2020, com uma hora e 15 minutos de duração, a partir da localização do jornalista João Pedro Mendonça, em Monsanto, e do autor do artigo, em Salvador, no Estado da Bahia, Brasil.

Em Monsanto, João Pedro, durante o confinamento, cumpriu as tarefas por meio de uma ligação à Internet, que dava acesso às informações disponíveis através das agências de notícias contratadas pela emissora. “Eu fazia o *download*, sonorizava, editava e enviava”, descreve o jornalista a rotina no confinamento, diferente do cotidiano apenas pelo distanciamento físico da redação.

A ideia de realizar a reportagem surgiu no contato com colegas da redação, sem o compromisso de um período de tempo definido. O jornalista João Pedro Mendonça trabalhou na reportagem desde 16 de março, no início do confinamento, sem a percepção deste marco, concluída em 3 de maio. Foram reunidas em vídeo mais de 50 horas de gravação, realizada em jornadas irregulares, de acordo com a dinâmica do trabalho, estabelecida por ele. As imagens foram captadas em alta definição.

No período de confinamento, o jornalista realizou antes a produção de um documentário com o celular. O documentário, intitulado *Break Fast*, descreve o processo para produzir alimentos – leite, pão e queijo – servidos na primeira refeição da manhã, em torno da diferença de tempo entre o consumo e a elaboração. A experiência do documentário contribuiu para a produção da reportagem, principalmente, quanto à exploração de recursos do *smartphone*, como a captação do áudio e a exploração da luz do ambiente.

O celular utilizado pelo jornalista para a captação de imagens e áudio, inclusive as entrevistas, foi da marca *Samsug*, modelo *S10*, sistema operacional *Android*, com três câmeras que são intercambiadas, durante a gravação. O recurso permite alternar as câmeras para os registros de imagens frontais e traseiras, durante a gravação. João Pedro utilizou como acessórios um tripé de fotografia e um *selfie stick* como acessórios, além de um estabilizador para o dispositivo na gravação de uma cena.

A edição foi realizada em um computador portátil, com o programa *Edius* utilizado pela RTP em atividades externas. O jornalista ainda fez a produção musical, com um piano. Ele tem cursos de Formação Musical, em Canto e Órgão Clássico. João Pedro utilizou um programa específico para a edição de áudio, o *Audacity*, aplicado em correções de trechos das entrevistas, causados pela captação com o *smpparphone*, durante a gravação. A pós-produção da música foi realizada com o programa *Cubase*, adequado para composições musicais e que serviu para parte da edição de áudio, por haver por parte dele “um conhecimento sobre a ferramenta”.

2.2. A estrutura – a autonomia do confinamento.

A reportagem teve o tempo de 19m12seg, com uma estrutura padrão do jornalismo televisivo, exceto pela duração para ser exibida em um telejornal. “[...] fiz questão que o trabalho tivesse o número 19 [quanto ao tempo], já que o Covid [a doença] é 19. É um formato nada televisivo. “. A explicação sobre o tempo serve para João Pedro Mendonça justificar a opção de trabalhar com o prazo dele, o que não significou a falta de um limite para a conclusão.

A redação da RTP não esteve informada sobre a produção até a véspera da conclusão, três dias antes da exibição na edição do *Telejornal* do dia 6 de junho de 2020. A autonomia do confinamento, demonstrada pelo jornalista:

[...] isso me permitiu utilizar o luxo do tempo, que habitualmente, o jornalista não tem para reportar [...] por outro lado até no formato pude inventar porque se não um diretor ia dizer: ‘Ah! mas não pode fazer 19, vai ter que ter 15 ou vai ter que ser 20 ou vai ter que ser 50. E aí eu ia permitir que alguém interferisse nesse processo que é todo ele único? [...]

A intenção de João Pedro Mendonça era mostrar a aldeia “com o foco, por uma vez, na vida [...] eu quis, por uma vez, centrar nas pessoas e não na paisagem [...] não vai ver uma paisagem, tendo elementos da paisagem”. A estrutura demonstra esta opção, baseada em um modelo que está subdividido em três partes (HORNHARDT, 2015). As partes – introdução, desenvolvimento e conclusão - permitem explicar a estrutura, com base na subdivisão, ao ser comparada ao menu de um restaurante, como está definido no Projeto *Elevate* (HORNHARDT, 2015), aplicado na CNN, nos Estados Unidos. A metáfora do menu define a noção do arco narrativo.

A reportagem, avaliada através da representação do menu, tem os elementos relacionados às opções de um restaurante (HORNHARDT, 2015, pp. 2-3): “[...] gancho de abertura= drink de boas-vindas; a explicação da tese= a leitura do menu; a entrega=o prato principal e o fechamento=sobremesa. [...]” . O conteúdo– as partes são para o jornalista “módulos” - é uma exposição do confinamento em Monsanto, explicitado na estrutura, observada na análise. As partes aparecem, definidas por recursos narrativos, referências ao texto, imagens e a trilha sonora.

A descrição do impacto, provocado pelo confinamento, com a paralisação das atividades que têm relação com o turismo, as mudanças na vida dos moradores, marca a primeira parte. Ela é iniciada com uma sequência de imagens que mostram uma vista da aldeia para a estrada de acesso, em meio ao som de trovoadas em uma noite de chuva forte e um

canto, como uma oração. As entrevistas desta parte têm como o ponto de interesse a repercussão do confinamento em Monsanto, depois do reconhecimento da doença em Portugal, da mesma forma que em outras partes do mundo. A duração é de 7m48,

A segunda parte, registra o interesse pela descoberta sobre a razão do confinamento, verificada pela manifestação dos moradores entrevistados. O agricultor curioso em saber como a doença alcançou Portugal, com a inclusão de um morador que reproduz em pinturas as fotografias dos amigos, com os quais frequentava o café, no momento impedido pela necessidade de distanciamento, e a mulher que coleciona as palavras que são habituais da aldeia, capaz de ela mesma reproduzir a comemoração da Páscoa, uma tradição de Monsanto. A segunda é encerrada com a imagem do sacristão que coloca a cruz em frente à igreja, fechada pelas circunstâncias, no esforço de repetir o ato de uma tradição, marcada pela devoção. Esta parte, que dura até 18m06, tem como uma das primeiras imagens um canhão, apontado para o acesso à aldeia. Um evidente simbolismo, sobre a necessidade de proteção.

Por fim, a última parte, demarcada, no início, pela presença do jornalista no vídeo – 18m27seg - , como uma justificativa para relacionar à reportagem a razão do isolamento dele, evidencia a esperança do novo tempo, ainda por vir, depois da pandemia, registrada por meio de aspectos da natureza, cenas “que não se viam há mais de dez anos”, como o sobrevoo de uma abelha. A imagem é uma referência para algo que tem uma ambiguidade. Da mesma forma que é uma ameaça pode conter uma expectativa:

[...] acho que tem a ver [sobre a reportagem] com a forma como cada um sofreu [...] acho que esse trabalho feito em outro contexto, em outro momento, era capaz de ser tido como mais um exercício crítico, de alguém que teve uma boa ideia e não conseguiu ter tanta empatia [...]”, descreve João Pedro Mendonça.

2.3 A linguagem, os recursos do dispositivo.

A reportagem, compreendida a sua estrutura, tem como base para sua realização a linguagem audiovisual, estabelecida pela ligação entre a imagem e o áudio como elementos indistintos e inseparáveis. A forma narrativa adotada pelo jornalismo televisivo está baseada em uma lógica de associação e complementaridade entre os dois elementos (GIMENO ; PERALTA, 2006; SOUSA ; AROSO, 2003; BANDRÉS *et al*, 2002).

O jornalista incluiu práticas e procedimentos assimilados pela experiência profissional, através da convivência na televisão, principalmente com os repórteres e editores de imagem¹⁰, as suas referências da cultura profissional:

” O procedimento em Portugal é o repórter de imagem entregar o material que captou, que o jornalista vai tratar com o editor de imagem. O jornalista faz uma dupla mediação, que permite a ele, com base na observação que faz do trabalho do repórter de imagem e o editor. Na captação, usei a referência que tinha do trabalho realizado por eles, em termos de ângulos e linhas”.

As referências aparecem na captação das imagens, em situações influenciadas por utilizar o celular como ferramenta. A captação, principalmente, do áudio impõe a observação de detalhes, não levados em conta com uma câmera de televisão. Um deles é a necessidade de evitar o deslocamento do dispositivo, durante a captação do áudio. A experiência do documentário realizado antes ensinou ao jornalista que ele não pode interromper o entrevistado, durante uma gravação, porque pode provocar a descontração e prejudicar o registro.

A gravação com o *smartphone* obrigou o jornalista a explorar os recursos do dispositivo, como na sequência em que fez o registro do habitante de Monsanto que reproduz em pinturas as fotografias dos amigos, a forma dele para viver o confinamento, a partir de 12m55seg, João Pedro manteve, diferente da captação com uma câmera, o enquadramento em que havia a interferência da luz, para destacar a nuance do ambiente. “[...] preferir escolher aquele quase contraluz, porque o telemóvel, curiosamente, reage melhor do que muitas câmeras profissionais”, justifica.

Os recursos do dispositivo contribuíram para o registo das cenas em que o sacristão conduz pelas ruas da aldeia, na comemoração da Páscoa, uma cruz para ser colocada diante da igreja, no fim da segunda parte, aos 18m06seg. O jornalista explorou a possibilidade de fazer o intercâmbio das câmeras, para variar o ângulo. Em outra gravação, de maneira persistente, João Pedro conseguiu fazer a indicação de uma opção para o celular registrar a cena em que ocorre o sobrevoo de uma abelha, no minuto final da reportagem, aos 18m58 seg, uma imagem que considerava importante para incluir na edição, porque refletia para ela a expectativa de um novo tempo, pós-pandemia.

Resultados

¹⁰ Repórter de imagem em Portugal indica o equivalente no Brasil a repórter-cinematográfico, para designar o jornalista que atua na captação de imagens e áudio. Editor de imagem tem o mesmo sentido nos dois países.

A análise da reportagem, elaborada por João Pedro Mendonça, durante um período do confinamento, na aldeia de Monsanto, no interior de Portugal, revela a capacidade do jornalismo para registrar aspectos sobre a vida de moradores de uma localidade, marcados por um histórico de isolamento, maior que o estabelecido pela pandemia do novo coronavírus, apesar de ser uma atração turística.

A realização, com o *smartphone* como a única ferramenta, permite a compreensão sobre o potencial do dispositivo, a partir da apropriação dos recursos, feita pelo jornalista, e a adequação às suas referências, uma consequência da cultura profissional, fortalecida pelo esforço em permitir, ainda que de maneira distanciada, uma visão mais ampla sobre o cotidiano de uma pequena aldeia, a partir das consequências de uma doença que alcança um espaço muito maior, por estar no mundo.

A expectativa é que esta análise contribua para uma compreensão maior da capacidade de um jornalista, apenas com um celular, promover um registro de um momento da história das pessoas, ao mesmo tempo em que a avaliação tem a importância para novas investigações, diante da necessidade de avaliar aspectos que não foram considerados, em particular, os que têm relação com a linguagem audiovisual, de uma maneira mais ampla.

Referências bibliográficas

ALVES, Y.; SILVA, E. As narrativas em formato de Stories no Instagram e Snapchat. *In*: EMERIM, C.; FINGER, C.; COUTINHO, I. (orgs). **Estudos contemporâneos em telejornalismo** – narrativas de jornalismo para telas. Insular, Florianópolis, SC.2018. p. 138-151.

BANDRÉS, E.; GARCÍA AVILÉS, J. A.; PÉREZ, G.; PÉREZ, J. **El periodismo en la televisión digital**. Paidós. Barcelona.2002.

BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. **Manual de Telejornalismo** - os segredos da notícia na TV (1a ed.). Campus. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2002.

BELL, E.; OWEN, T. **The plataform press**: how Silicon Valley reengineered journalism. Tow Center for Digital Journalism. New York: Columbia University. 2017.

BOCK, M.A. Showing versus telling: Comparing online vídeo from newspaper and television websites. **New Media & Society**. V. 17(4).2016. p. 493-510.

BOCK, M. A. **Video Journalism** - beyond the one-man band. Peter Lang. New York: 2012).

CANAVILHAS, J.; RODRIGUES, C. **Jornalismo móvel** - linguagem, gêneros e modelos de negócio. Editora Labcom.IFP.Covilhã, Portugal. 2017.

CANAVILHAS, J.; SATUF, I. (2015). **Jornalismo para dispositivos móveis** - produção, distribuição e consum. Editora Labcom.IFP. Covilhã, Portugal. 2015

CANAVILHAS, J.; RODRIGUES, C.; GIACOMELLI, F. (2019). **Narrativas jornalísticas para dispositivos móveis**. Editora Labcom.IFP. Covilhã, Portugal. 2019.

CASETTI, F.; DI CHIO, F. **Análisis de la televisión**. Ediciones Paidós Ibérica .Barcelona. 1999.

CHAGAS, A. **A imagem portátil** - celulares e audiovisual . Appris Curitiba, Paraná, Brasil. 2019.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P.A.; da SILVA, R. **Metodologia Científica** (6a ed.). São Paulo, Brasil: Pearson Prentice Hall. 2006.

DICKINSON, R.;BIGI, H. Agency, autonomy and technologies of news production. The case of the Swiss video journalist.*In*: Masip, P.; & J. Rom, J. (Eds.). **Tripodos**, 1. 2007. p. 331-344.

DIGITAL NEWS REPORT 2020. Reuters Institute. Oxford: **Reuters Institute for Study of Journalism**. Acesso em 22 de junho de 2020, disponível em www.reutersinstitute.politics.ox.ac.uk

DOURADO, J. L.; TEIXEIRA, J. F. Os dispositivos móveis no jornalismo audiovisual: uma análise da apropriação dos smartphones pelas emissoras de televisão no Piauí(Brasil). *In*: CANAVILHAS,J; RODRIGUES, C. **Jornalismo Móvel: Linguagem, gêneros e modelos de negócio**. Labcom.IFP .Covilhã, Portugal. 2017. p. 481-498.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE,J.; BARROS, A. **Métodos, técnicas em pesquisa em comunicação**. Atlas. São Paulo. Brasil.2005. p. 62-83.

FREDERICKS, T. Broadcast news: everything has changed and everything is changing. **Innovation Media**. 2016. p.1-8. Acesso em 18 de julho de 2018, disponível em www.innovation.media

GIMENO, G.; PERALTA, M. **El lenguaje de las noticias de televisión**. Editorial UOC. Barcelona, España. 2006.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. *In*: LAGO,C.; BENETTI,M. **Metodologia da pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil: Vozes. 2007.pp. 123-142.

HORNHARDT, R.. Shorytelling ou o desafio de contar histórias que predem a atenção. **Medium Brasil**. 2015.p.1-10. Acesso em 20 de maio de 2016, disponível em medium.com/@virandoapauta/story-telling

ITO, L. A ascensão do audiovisual consumido em smartphones: reflexos diretos na redação. **Estudos em Jornalismo e Media**, 17(no 1). 2020. p. 120-130. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2020v17n1p120>

MACCISE, D. L.; MARRAI, M. **Mobile Journalism**. Dubai. Al Jazeera Media Training and Development Centre. 2016. Disponível em <https://institute.aljazeera.net/sites/default/files/2018/mobile%20journalism%20english.pdf>. Acesso em 29 de março de 2018.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo**. Globo Livros. Rio de Janeiro.2019.

MICÓ, J. L. Periodistas audiovisuales inmóviles ante el periodismo multimedia móvil. *In*: A. RIPOLLÉS, A.; FELICI, J, **Periodismo en televisión** - nuevos horizontes, novas tendencias. Zamora, España: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones. 2011. p. 197-211.

MATOS, A. **Jornalismo live streaming**: um estudo das apropriações jornalísticas da tecnologia de transmissão audiovisual ao vivo no facebook. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia. 2019.

NACHBIN, L. (2005). O voo solo do videojornalismo. *In*: RODRIGUES, E. **No próximo bloco...** O jornalismo brasileiro na Tv e na internet. Rio de Janeiro/São Paulo, Rio de Janeiro/São Paulo, Brasil: Ed. Puc-Rio/Loyola. 2005. p. 117-133.

PASTOR, L. Rotina jornalística e mobilidade: potencialidades de transformação do habitus profissional jornalístico a partir das tecnologias móveis. **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Campina Grande, Paraíba. 2010. Acesso em 12 de junho de 2020, disponível em <http://www.intercom.org.br>

PODGER, C. (Ed.). **Mobile Manual Journalism** - The guide for reporters and newsroom. Konrad Adenauer. 2018. Acesso em 25 de julho de 2019, disponível em <https://www.mojo-manual.org/understanding-mobile-journalism/>

QUINN, S. Jornalismo móvel: a última evolução na captação de notícias. **Parágrafo**. 2014. Acesso em 12 de outubro de 2018.

ROCHA, P. M. Convergência e novas narrativa no jornalismo móvel: o processo de produção de conteúdo e novos atores sociais. **ECCOM**, 8, jul/dez. 2017. p. 55-66.

SÁ, S. O jornalismo televisivo e os dispositivos móveis: o aumento das imagens amadoras. *In*: CANAVILHAS, J.; SATUF, I., **Jornalismo para dispositivos móveis**: produção, distribuição e consumo. Livros Labcom. Covilhã, Portugal. 2015. p. 363-380.

SALAVERRÍA, R. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. *In*: CANAVILHAS, J. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã, Portugal: Livros Labcom. 2014. p. 22-52.

SALAVERRÍA, R.. Digital journalism: 25 years of research. **El profesional de la información**, 28. 2019. doi:<https://doi.org/10.3145/epi.2019.ene.01>

SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico (23a ed.). Cortez. São Paulo, São Paulo, Brasil. 2007.

SILVA, F. Smartphones e tablets na produção jornalística. **Âncora**, 1, no.1. 2014. pp. 23-40.

SILVA, F. (Ed.). **Jornalismo móvel**. Edufba. Salvador, Bahia, Brasil. 2015.

SILVA, K. **Vídeoreportagem em três estilos**. Salvador, Bahia, Brasil. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. 2010.

SIQUEIRA, F.; SILVA, W. Dispositivos móveis no telejornalismo: as mudanças no papel do repórter no Bom Dia Paraíba. **Âncora**. 2018. p. 60-79. doi:DOI: 10.21204/

SOUSA, J. P.; AROSO, I. (2003). **Técnicas jornalísticas nos meios electrónicos** (princípios de radiojornalismo, telejornalismo e jornalismo on-line). Edições Universidade Fernando Pessoa. Porto, Portugal. 2003.

SOUZA FILHO, W.J. **A transformação da tecnologia** - mudanças das rotinas de edição das notícias nos telejornais do Brasil e de Portugal. Tese de Doutorado. Universidade da Beira Interior. Covilhã, Portugal, 2015.

VICTOR, F. O que move a CNN. **Piauí**(164). Maio de 2020. P. 1-27. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-que-move-cnn-brasil/> Acesso em 25 de junho de 2020.

VIEIRA, G. Smartphone como ferramenta de trabalho nas redações de telejornais. 2018. Medim.com. Disponível em <https://medium.com/tendências-no-jornalismo-contemporâneo/smartphone-como-ferramenta-de-trabalho-nas-redações-de-telejornais-33a652083...> Último acesso em 18 de setembro de 2020.